

EDITORIAL

Car@s leitor@s!

Deve causar certo estranhamento o uso da “@” (arroba) em uma linguagem formal que deve, a priori, representar a norma culta da Língua Portuguesa. É verdade. Esse estranhamento, conceito da Antropologia, designa que algo foge à naturalidade do cotidiano e, é bem verdade, nada mais ‘vestido de natural’ que a estrutura da língua falada e escrita. No entanto, sabe-se que as diferentes estruturas das linguagens são construções históricas e culturais, além disso, elas também estão imersas em relações de poder (arrisco afirmar como sexistas e misóginas). A Língua Portuguesa, como outros idiomas, sedimentou a ideia de que o masculino inclui naturalmente o feminino e este deve sentir-se representado em sua estrutura genérica e vazia da sua presença. Infelizmente a recíproca **não** é verdadeira mesmo quando o público ou segmento é majoritariamente ocupado por mulheres. É preciso desnaturalizar a Língua Portuguesa e torná-la tão inclusiva quanto nosso desejo por uma sociedade justa, equitativa e igualitária.

Nessa edição de março os artigos se organizam majoritariamente em segmentos e atuações cuja presença feminina é central. Quatro artigos destacam os desdobramentos das aprendizagens na escola e em programas de docência, cuja profissionalização, especialmente na Educação Básica é majoritariamente feminina. Em especial destaque o artigo **O papel do magistério feminino no contexto da história da educação sanitária, em São Paulo (1938-1942)** cuja clareza das informações nos faz pensar as diferentes formas pelas quais a presença das mulheres se consolidou na educação. Essa massificação feminina, em menor grau, também é reportada na saúde e na gestão de recursos humanos como duas obras apresentam.

Seguido dessas reflexões proponho olharmos para a construção dos sujeitos, dos enquadramentos e das identidades que se constroem em torno de suas experiências e condições. Um dos artigos relata a figura do sujeito nordestino e suas esperanças quanto à vida futura e, outro, como o sujeito com esquizofrenia pode ter melhor qualidade de vida se vinculado à sua família.

É também com alegria que apresento a Seção temática **Literatura, sexualidade e escola** com três artigos interessantíssimos sobre a arte como criação e sobrevivência do humano, cuja produção é transgressora em três vertentes – d@ artista que a produz, do processo da criação e do produto criado - **A letra, a lente e o amor entre iguais: literatura, cinema e homossexualidade no Brasil, Mulheres artistas no Brasil: questões históricas e conceituais do barroco europeu até a contemporaneidade e Moralidade religiosa e repressão: a atualidade de Nelson Rodrigues para reflexão acerca da Educação sexual.**

Para finalizar lembro-me da **ousadia** da professora americana bell hooks¹, militante do feminismo negro, questionando Paulo Freire sobre a linguagem masculina em livros que tratavam da liberdade e da opressão e da **humildade** de Freire em reconhecer e passar a escrever as obras seguintes no feminino e masculino. Uma aprendizagem que se deu na reciprocidade das relações!

Da editora que vos escreve, farei o possível para promover mudanças nas produções acadêmicas e científicas e, aquel@s que assim acreditam, uni-v@s em torno de uma linguagem não sexista e mais inclusiva.

Que em 2019 seja um ano repleto de empatia!

Abraços

Boa leitura!

Profa. Dra. Silvia Piedade de Moraes

Editora-chefe da Revista Educação UNIVERITAS/UNG/SER

Doutora em Ciências: Educação e Saúde na infância e adolescência. Especialista em Educação Sexual, Direito Educacional e Gestão de Ensino. Pedagoga. Docente na Universidade Guarulhos.

silviapmoraees@hotmail.com

¹ Esse relato é encontrado no livro Ensinado a Transgredir: a educação como prática de liberdade de bell hooks e na obra Pedagogia da Esperança de Paulo Freire. A autora prefere que utilize seu nome com letra minúscula.